



**Fotografias na cidade, imaginários urbanos:  
uma experiência com álbuns de família  
em *Porto Alegre Imaginada***

**Nara Magalhães  
Angela Zamin  
Lourdes Silva  
Márcia Anselmo  
Reges Schwaab**

# Fotografias na cidade, imaginários urbanos: uma experiência com álbuns de família em *Porto Alegre Imaginada*

Photos in the city, urban imaginaries: an experience with family  
albums in *Porto Alegre Imaginada*

Nara Magalhães \* Angela Zamin \*\* Lourdes Silva \*\*\*  
Márcia Anselmo \*\*\*\* Reges Schwaab \*\*\*\*\*

---

**Resumo:** *Este artigo traz reflexões sobre a processualidade de um estudo realizado a partir de álbuns de famílias de cidadãos negros em Porto Alegre. No contexto da pesquisa Porto Alegre Imaginada, entrevistamos e fotografamos pessoas que se autodefinem como negras, enquanto folheavam seus álbuns. Ao ouvir seus relatos e histórias, procuramos dar visibilidade a uma trajetória de cidadãos e a uma cidade que, na maioria das vezes, permanece desconhecida, tanto na história oficial como nos espaços midiáticos tradicionais. Neste texto, queremos contribuir para a discussão sobre a utilização de fotografias na pesquisa social, bem como sobre as implicações para pensar identidades e racializações na metrópole.*

**Palavras-chave:** *Álbuns de família. Identidade negra. Leitura de metrópoles. Imaginários urbanos.*

**Abstract:** *This article reflects upon the process of research conducted in a study with family albums of black citizens from Porto Alegre. In the context of the research Porto Alegre Imaginada (Imagined Porto Alegre), we interviewed and photographed people that defined themselves as black, while they browsed their albums. Hearing their accounts, we sought to give visibility to a trajectory of citizens and a city that, most of the times, is unknown in official history as well as in traditional media spaces. In this text we want to contribute to the discussion about the use of photos in social research and its implications in the process of thinking identities and racial aspects of the metropolis.*

**Keywords:** *Family albums. Black identity. Metropolis reading. Urban imaginaries.*

---

\* Doutora em Antropologia Social pela UFSC. Servidora da UFRGS, onde atua na Pró-Reitoria de Graduação. Coordenadora do subgrupo *Álbuns de Família* do projeto de pesquisa *Porto Alegre Imaginada*.

\*\* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista do CNPq. Jornalista.

\*\*\* Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão.

\*\*\*\* Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Jornalista. Especialista em Terceiro Setor.

\*\*\*\*\* Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS. Jornalista.

## Introdução

Compreender a relação dos cidadãos com a cidade de Porto Alegre a partir das significações construídas e partilhadas pelos mesmos, na presença ou não de meios de comunicação massivos, foi um desafio assumido em sua singularidade por uma equipe de pesquisadores da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS). Tomando como ponto de partida a metodologia proposta por Armando Silva (2004), significativa para “ler” as metrópoles mundiais por um viés cultural, procuramos inserir Porto Alegre num circuito de diálogo sobre imaginários cidadãos, que já incluía cidades como Bogotá, Barcelona e São Paulo.

O exercício da relação das pessoas, das famílias, com a cidade que habitam, passa, sobretudo, por uma construção do que é a “sua” cidade. Desta maneira, são estabelecidos mapas imaginários, que resultam “da” e “na” construção de narrativas pelos cidadãos diante das possibilidades e limites do “viver” a cidade. As narrações das fotografias dão acesso a uma compreensão que está para além das pessoas e, ao mesmo tempo, incrustada nelas, por um olhar sociocultural sobre o espaço vivido. Como propõe Silva (2004), esta leitura dá a conhecer as cidades de um ângulo inusitado, como um lugar nunca antes visto, incluindo afetos e subjetividades, vendo-as, portanto, a partir dos imaginários cidadãos. Muitas dessas particularidades estão acessíveis nas fotografias que os cidadãos dessas metrópoles produzem e guardam como registros de momentos vividos na cidade. Eis o ponto de partida da observação proposta pelo subgrupo “Álbuns de Família”, no contexto do projeto *Porto Alegre Imaginada*.

Como questões de investigação, perguntamos: qual cidade cada família particulariza em seus álbuns? E como escolhe, depois, socializá-la? O que essas escolhas dizem sobre lugares e significados partilhados? Nas fotografias dos espaços urbanos, fomos buscar as permissões da cidade para quem a habita, e como esses habitantes movimentam-se

dentro dos consentimentos e impossibilidades, físicas ou simbólicas. Naquilo que se registra, bem como no que não aparece na superfície das fotografias, procuramos saber a que cidade a família pesquisada imagina pertencer, e como toma para si, em sentido afetivo, um determinado lugar.

## Metodologia para ver Porto Alegre nos álbuns de família

A construção subjetiva de um olhar a cidade/olhar-se na cidade a partir de registros fotográficos é produtiva do ponto de vista da pesquisa. Tal perspectiva é sugerida por Machado (1984), que considera mais profícuo examinar modos como cada comunidade fotografa e se deixa fotografar, ao invés de apoiar-se num suposto processo imparcial da visão da câmera. Desse movimento, segundo o autor, é possível obter um inventário de situações e valores de cada grupo.

Ao focalizar os álbuns de família, e sobre eles estimular a narrativa dos sujeitos acerca de suas fotografias (e sua cidade), queríamos trazer à tona não a materialidade física, mas, sim, a percepção da cidade a partir desse narrar duplo, do captado na fotografia e do que a fala nos permite “enxergar”. Buscamos não uma imagem tradicional de cidade, fundada em urbanismos, mas a construção da investigação assentada nos sentimentos, formando croquis afetivos de medos, amores, lembranças: “Nós somos o álbum, convertendo-se, ele mesmo, em consciência visual de nosso trânsito pelo tempo e pela vida.” (SILVA, 2008, p.18).

Discursivamente, a pergunta de Castoriadis (1982, p.166) sobre “por que este sistema de símbolos e não um outro?” foi inspiradora para construir a proposta de exploração dos álbuns e entrevistas, pois o indivíduo, ao olhar para uma fotografia, olha para a relação entre ele e o objeto; e ao mostrar e narrar o álbum, coloca em evidência uma série de

símbolos que não estavam aparentes. Silva (2008) acredita que existe a necessidade de um diálogo, uma interação entre o enunciador, a imagem e o observador. As fotografias não têm significação em si mesmas, seu sentido é exterior a elas, está essencialmente determinado pela relação efetiva com o seu objeto (o que mostra) e com a situação de enunciação.

Mead (1975), por sua vez, auxilia a pensar que as imagens precisam ser descritas por palavras para serem incorporadas ao trabalho científico. É o que salienta também Godolphim (1995), sugerindo a utilização de legendas nas fotografias<sup>1</sup>. A questão também é abordada por Leite (1993, p.152-153): “Não é possível utilizar apenas o texto não-verbal, cuja ambigüidade de um lado e mutismo de outro abrem demais as questões apresentadas, deixando-as indefinidas e inadequadas a uma sistematização científica.” Igualmente, o último texto de Barthes, posterior ao *O óbvio e o obtuso* (1990), traz dois conceitos importantes: o de *punctum* e *studium*<sup>2</sup>.

O processo de “leitura” dos álbuns de família permite atentar, ainda, para a transposição de espaços, como refere Leite (1993). A fotografia no álbum carrega dimensões exógenas ao que está nela fixada, permitindo um narrar alongado no tempo e no espaço e a recuperação de experiências. Segundo Silva (2008), na pesquisa com álbuns, é preciso identificar aquilo que não está fotografado, armazenado no álbum. Tal viés marca o gesto de investigação, de não apenas revelar o que está explícito, mas o que necessita ser narrado, porque é parte, evidenciando a exigência de uma ação de pesquisa que inclua a interpretação das ausências.

Porto Alegre é permeada por um imaginário concebido como branco, assim como outras cidades do Rio Grande do Sul (Brasil), em decorrência de uma formação histórica que absorveu menos mão-de-obra escrava, de origem africana, e por um período menor, em relação à

---

<sup>1</sup> Magalhães (2008) sugere abordar a relação entre linguagem visual e texto, considerando tanto a escrita como a imagem enquanto recortes, interpretações da realidade, que, como tais, têm limites e não conseguem expressar “toda realidade”.

<sup>2</sup> O *studium* diz respeito ao universo contextual da fotografia, incluindo aí seu autor, a superfície fotográfica e suas mensagens; já o *punctum*, diz respeito àquilo que, na fotografia, escaparia do *studium*. Algo pungente, que na fotografia, para cada pessoa (espectador), seria diferente.

incorporação do elemento europeu, através da colonização açoriana, alemã e italiana, principalmente. A presença do negro na cidade foi, então, omitida e até negada pela historiografia produzida no início do século. (BARCELLOS, 1996). Segundo dados do IBGE<sup>3</sup>, a população negra brasileira está representada de forma desigual e Porto Alegre é a capital brasileira com o menor número de pessoas que se declaram negras ou pardas, apenas 12,6%.

Pouco tem sido estudado a respeito da presença e contribuição do negro<sup>4</sup>. Consideramos esse aspecto como algo peculiar para o estudo em Porto Alegre, diferenciando-o de outras cidades pesquisadas. Assim, ao mesmo tempo em que partilharamos uma metodologia comum com os estudos anteriores, nos valemos da licença para escolhas próprias, demandadas pelo universo estudado e suas características culturais<sup>5</sup>.

De posse da proposta de Silva (2004) e contemplando as indagações surgidas em nossa discussão<sup>6</sup>, a coleta de informações deuse no entendimento de uma aplicabilidade para Porto Alegre: buscamos álbuns que representassem famílias porto alegrenses que se autodefinem como negras, devido à lacuna de estudos sobre estes, como referido<sup>7</sup>. Foram visitadas famílias em suas residências e, valendo-nos da metodologia de entrevista aberta, aliada à observação, solicitamos às

---

<sup>3</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso: 22 nov. 2009.

<sup>4</sup> As exceções são os estudos na tica da sociologia do desenvolvimento, como os de Ianni e Cardoso nos anos 1960 e 70. Na tica das identidades culturais, e invisibilidade da presença negra na região sul, temos as abordagens de Leite (1996), Anjos (2007), Barcellos (1996), entre outros. Sobre raça sugerimos ver Giddens (2005) e Guimarães (2003).

<sup>5</sup> Esperando contribuir para ampliar a visibilidade, priorizamos, em Porto Alegre, o estudo com álbuns de família de cidadãos negros. Partimos de uma situação ideal, de entrevistar grupos familiares em diferentes quadrantes da cidade, de modo a possibilitar uma comparação com outros subgrupos da pesquisa *Porto Alegre Imaginada*.

<sup>6</sup> Referimo-nos ao debate instalado entre os autores do artigo, que constituíam um subgrupo de discussão e construção teórico-metodológica da pesquisa.

<sup>7</sup> A ação do subgrupo ganhou a sala de aula ao envolver os estudantes de *Métodos e Técnicas de Pesquisa*, disciplina da graduação em Comunicação Social, da FABICO/UFGRS. No presente texto, utilizamos as informações recolhidas pelos grupos formados pelos alunos Alex Viana, Renato Paredes, Mateus Allende, Gabriel Piovezan (Grupo 1), Ariel Fagundes, Jessica Mello e Luciana Bnia (Grupo 2).

pessoas que mostrassem seus álbuns e escolhessem as fotografias sobre as quais desejavam imprimir seus relatos. A “escuta” foi registrada em áudio, depois transcrito; os momentos foram fotografados; em etapa posterior, o conjunto de materiais foi analisado.

Em todos esses momentos (de debate, escolha do recorte, coleta de dados, sistematização e análise e na escrita), nos deparamos com a reflexão sobre o que é realizar pesquisa e produzir conhecimento. E concordamos com Popper (1972), que diz ser esta uma aventura em terreno movediço. Para ele, a ciência progride graças ao ensaio e ao erro, às conjecturas e refutações. Assim, nessa incerteza que compartilhamos com as próprias características da construção do conhecimento científico, como natureza indissociável de tal fazer, analisamos os dados movidos pela vontade de entender Porto Alegre e o imaginário cidadão sobre ela também pelos álbuns de família.

## As famílias, os acervos fotográficos e os percursos na cidade

Toda família tem uma história que a caracteriza e que a identifica. Os álbuns de família se constituem em instrumento facilitador do resgate das narrativas familiares. Seu manuseio evoca experiências, sentimentos. Além disso, o ato de fotografar pressupõe uma seleção, a escolha de um *objeto*, completada pela composição do álbum, espécie de memória editada e lugar de representação. Emerge, assim, um contexto de referência mais amplo, relacionado ao que foi vivenciado e adquirido num dado meio sociocultural. De tal forma, o que consta nos álbuns de família é um recorte da narrativa familiar e, como nos lembra García Canclini (1995, p.139), “a identidade é uma construção que se narra”.

Segundo a interpretação de Bauman (2005, p.55), a tarefa de um construtor de identidade é a de um *bricoleur*<sup>8</sup>, que constrói todo o tipo de coisas com o material que tem à mão<sup>9</sup>. Na perspectiva aqui sinalizada, a narrativa se dá a partir de fragmentos conexos e desconexos, em uma sucessão de fatos que se atropelam e na qual o narrador oscila nos tempos verbais, entre passado e presente, apesar da ênfase no passado. Nesse sentido, com o falar sobre as fotografias se dá a ver o que falta, um tempo que não mais existe, ou existe de modo representado.

É oportuno trazer, também, o pensamento de Jovchelovich (2000, p.146) sobre a dimensão temporal da narrativa: “ela é uma tentativa de dar coerência e estrutura a [...] eventos através da formação de laços que vinculam seu sentido e seu acontecer no tempo”. Em perspectiva similar, Woodward (2000, p.13) afirma que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.

Desse modo, as narrativas através dos álbuns de família expõem questões de ordem existencial, tais como “quem somos” e “de onde viemos”. Sabendo que essa narrativa é uma edição, é compreensível que as fotografias eleitas sejam as que retratam os bons momentos das relações afetivas, enquanto as que não se prestam a esse objetivo costumam ser descartadas.

Silva (2008, p.11) entende a fotografia como um “acontecimento visual e comunicativo que se coloca por cima de qualquer leitura sistemática”. É a partir deste conceito que nos propusemos a refletir em duas perspectivas relacionadas: uma, da fotografia enquanto instrumento metodológico, e outra, do uso da fotografia feito pelas famílias. Assim, entendemos a fotografia como uma fonte de reflexão sobre a construção social da realidade, seguindo os moldes de Barthes

---

<sup>8</sup> O termo *bricoleur* é utilizado por Lévi-Strauss (1989) para se referir à produção científica e à narrativa mítica como duas ordens distintas de produção de conhecimento. O *bricoleur* cria a partir de uma série de informações já existentes, que ele ordena de modo distinto e confere novo significado ao conjunto.

<sup>9</sup> Sobre identidade ver também Hall (1998).

(1980, p.61), quando diz que “no fundo, a fotografia é subversiva não quando assusta, perturba ou até estigmatiza, mas quando é pensativa”.

A fotografia enquanto instrumento metodológico, ou uso da fotografia como recurso legítimo de fontes de dados, tem sido cada vez mais recorrente. (ACHUTTI, 1997). A utilização dos álbuns de família insere-se em tal perspectiva, permitindo analisar as histórias dos sujeitos neles documentados e contribuir para a compreensão dos movimentos no espaço urbano. Através do contato com os álbuns, e na *escuta* realizada com as famílias proprietárias desses álbuns, elegemos algumas categorias para refletir acerca de imaginários construídos sobre Porto Alegre.

Identificamos na pesquisa que o papel de organizar e narrar os álbuns continua sendo preponderantemente feminino, como já percebido por Silva (2008) em seu estudo de álbuns de família em Bogotá. Parece, portanto, que essa incumbência está relacionada à expressão dos afetos e sensibilidades<sup>10</sup>. Como as fotografias têm migrado para os álbuns virtuais, levantamos a hipótese de que o cuidado do álbum mudará de mãos, já que requer o domínio de códigos da tecnologia. Novas pesquisas poderão apontar a validade ou não dessa hipótese.

Observamos, também, que o acervo das fotografias é preservado em diversos tipos de álbuns, seja na simplicidade de miniálbuns recebidos como brindes em lojas de revelação, aos álbuns de capa dura, ganhos como presente ou comprados para organizar as fotografias; seja em caixas de sapatos, em cestos, carteiras, ou, ainda, exposto em quadros e porta-retratos.

A Porto Alegre a seguir descrita é uma metrópole identificada em categorias que surgem do olhar e da narração de três famílias, moradoras das regiões leste, norte e sul, a partir de imagens da trajetória do grupo familiar em uma metrópole que também passou por mudanças. Transformações cujas nuances emergem e transcendem o que está preservado no espaço da fotografia.

---

<sup>10</sup> Reflexões sobre afeto e subjetividade como atributo considerado feminino e/ou masculino e as construções culturais acerca dos papéis adequados para homens e mulheres são aprofundadas no campo dos estudos de gênero por autoras como Scott (1995), Izquierdo (1994) e Fonseca (2004).

### a) Famílias e álbuns

Na residência de LS<sup>11</sup>, morador da zona sul de Porto Alegre, cabe à mulher trazer as fotografias e dispô-las sobre a mesa para o manuseio do entrevistado. O cuidado com os registros de família é tarefa desempenhada por ela, de quem o marido ressalta o gosto por fotografar. É a partir de um conjunto de imagens sobre o mesmo tema, uma competição de regata – esporte que era praticado por dois de seus cinco filhos –, que LS fala de Porto Alegre.

Com o conjunto que mostra a sequência da competição realizada no rio Guaíba, cartão postal da cidade, LS traça um mapa a partir dos lugares onde viveu, percorre-os imaginariamente, estabelecendo pontos possíveis de ligação entre tempos distintos: o das fotografias dos filhos, o tempo anterior a elas, o atual e o futuro.

*Figura 1 – Fragmentos do álbum da família de LS (esquerda) e a fotografia narrada por LS*



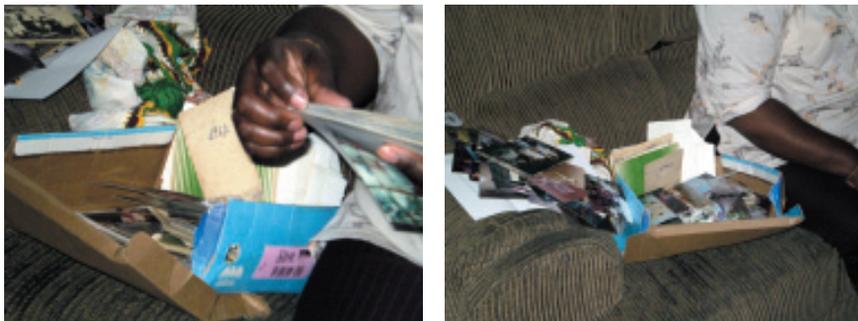
*Fotografias: Grupo 1 (Alex Viana, Renato Paredes, Mateus Allende e Gabriel Piovezan)  
Fonte: Subgrupo Álbuns de Família - Projeto de Pesquisa Porto Alegre Imaginada*

No quadrante oposto, a zona norte, HS, 78 anos, e MS, 60, mãe e filha, respectivamente, aposentadas, negras, dividem a casa com a terceira geração da família. Da mesma forma, dividem as fotografias, acondicionadas em uma caixa de sapatos, e as histórias familiares que ali se encontram registradas. O ato de remexer a caixa e narrar uma a uma as

<sup>11</sup> O entrevistado ao qual nos referimos define-se como negro, tem 68 anos, é aposentado, e recebeu a equipe de pesquisa em sua casa, na companhia de sua mulher.

fotografias ali dispostas, traz uma Porto Alegre que pouco se expande para além da zona norte. A igreja, a escola, o bate-papo na rua estão no entorno da casa. Apenas o consumo e a diversão exigem deslocamento.

*Figura 2 – O manuseio das fotografias (esquerda) e o álbum da família de HS e MS*



*Fotografia: Grupo 2 (Ariel Fagundes, Jessica Mello e Luciana Bênia)*

*Fonte: Subgrupo Álbuns de Família - Projeto de Pesquisa Porto Alegre Imaginada*

MN, que aparenta pouco mais de 50 anos, mora na Lomba do Pinheiro, zona leste, há 23 anos. Todas as fotografias que apresenta são de momentos vividos na casa onde reside. Mora nesse bairro desde a década de 80, quando voltou de São Paulo. Organizadas em um álbum, as fotografias mostram o crescimento do único filho e a convivência com a nora e o neto, que vivem no mesmo terreno. Os relatos de MN, que acompanham as fotografias, referem-se à família e ao bairro.

*Figura 3 – O álbum de família de MN (esquerda) e o momento do relato*



*Fotografia: Grupo 2 (Ariel Fagundes, Jessica Mello e Luciana Bênia)*

*Fonte: Subgrupo Álbuns de Família - Projeto de Pesquisa Porto Alegre Imaginada*

## b) Percursos na cidade

LS, morador da zona sul, descreve Porto Alegre a partir das mudanças de residência: primeiro em um “gueto de negros” no bairro Cidade Baixa, em um quadrante formado pela Praça Garibaldi, a rua João Pessoa, onde estudou, e o Arroio Dilúvio, onde era possível pescar; depois, com a mudança para a rua Corte Real, bairro Petrópolis, “na curva do T7”, como ele descreve; e finalmente para o bairro Camaquã<sup>12</sup>, antigo Cristal, onde conheceu outra Porto Alegre, “sem poste e sem calçamento” e que exigia mover-se em direção as zonas centrais de comércio.

Já MS nasceu na zona norte, na rua Freire Alemão, onde morou até a mudança para a atual residência, próxima da anterior, “na [rua] Pedro Ivo”, há 30 anos. O entorno da residência onde vivem MS e sua mãe HS, além de outros familiares em moradia anexa no mesmo terreno, constitui a Porto Alegre representada nas fotografias familiares, como nos relatos. Entre estes, destacam a educação realizada em escolas próximas, no bairro Mont Serrat<sup>13</sup>: “Eles estudam ali no Visconde [Escola Estadual Visconde de Pelotas]”; “Depois eles foram aqui para o Pira, Piratini [Colégio Estadual Piratini]”.

MN, a moradora da zona leste, conta que quando voltou de São Paulo, o bairro Lomba do Pinheiro<sup>14</sup>, onde reside, tinha outra cara: “Era tudo mato, um pouco era estrada de chão, outro pouco asfaltado”; a rua

---

<sup>12</sup> Camaquã é um bairro predominantemente residencial, com grande número de casas e edifícios, com ruas calmas, serviços e comércios locais, além de escolas e espaços de lazer. Entretanto, o Cristal, antigo nome, carrega uma forte característica histórica (existência de charqueadas, hospedaria para imigrantes e alojamento do 3º Batalhão de Infantaria da Brigada Militar), além do Hipódromo do Cristal, considerado local de urbanização, modernidade e *status*. Ver História dos Bairros de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2009.

<sup>13</sup> O bairro Mont Serrat foi povoado por escravos recém-libertos e era parte da chamada colônia africana da capital. Era um território que abrigava um número expressivo de casas de cultos afro-brasileiros. Contudo, pouco a pouco as populações de baixa renda foram afastadas para bairros distantes, em função da valorização dos terrenos, que eram mais próximos da região central. Hoje, é um bairro moderno. Ver: História dos Bairros de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.portoalegre.rs.gov.br>>. Acesso em: 22 nov. 2009.

<sup>14</sup> O bairro Lomba do Pinheiro iniciou seu processo de urbanização nas décadas de 60 e 70, quando passou a receber moradores oriundos do interior do estado. Formado por mais de 30 vilas, a região se divide entre zonas povoadas e áreas verdes de preservação. Tem como características a organização comunitária.

“não tinha nada, agora está linda”. Outros integrantes da família também vivem no bairro, “tudo pertinho, mas cada um na sua casa”.

Nas últimas páginas do álbum estão as fotografias de seu pai, na fazenda onde nasceu, em Rio Pardo, interior do Rio Grande do Sul, antes de transferir-se para Porto Alegre. Esse percurso interior-capital não é novo, faz parte do processo de urbanização de inúmeras capitais brasileiras, que receberam famílias oriundas de municípios do interior em busca de trabalho.

### c) Mobilidade, comércio e lazer

O transporte coletivo de Porto Alegre e as linhas Ts<sup>15</sup>, que ligam as zonas periféricas, sem passar pelo centro da cidade, ancoram o percurso descrito por LS. A referência atual do morador da zona sul é associada à mobilidade urbana, às ruas e aos ônibus, à poluição e à ausência de planejamento. LS diz acompanhar as modificações na cidade por ser um observador atento: “A cidade se modificou. Eu vi a cidade se modificar. E eu tenho consciência.”

Os moradores da zona norte, HS e MS, também se referem à mobilidade: “O ônibus passava na frente da nossa casa, agora não passa mais.” A esta referência surgem outras, como o fluxo grande e incômodo de automóveis, a poluição e a violência: “Tu vê, antigamente, nós saíamos, nós íamos a pé; tu vê, aqui já está se tornando perigoso.”

O mover-se *na* cidade é associado, principalmente, a dois fatores, ao comércio e ao lazer. Entre as famílias entrevistadas é consensual afirmar a importância do comércio da região central no passado, contraposta ao fortalecimento dos bairros na atualidade. Para o morador da zona sul, LS, “o shopping [Praia de Belas] matou a Azenha<sup>16</sup>”; “a cidade mudou, tu não precisa ir ao centro”. Da mesma forma HS e MS falam do crescimento da zona norte: “Não tinha o [supermercado] Nacional também, agora nós

<sup>15</sup> Abreviação para “**Transversal**”, são as linhas de transporte de uma zona a outra sem passar pelo centro. Ver: <[http://www.viacircular.com.br/novoindex.php?option=com\\_content&task=view&id=147&Itemid=144](http://www.viacircular.com.br/novoindex.php?option=com_content&task=view&id=147&Itemid=144)>. Acesso em: 15 nov. 2009.

<sup>16</sup> Tradicional rua de comércio em Porto Alegre.

temos”, enquanto MN fala da zona leste: “Há há um centro comercial, tem de tudo, tem banco, supermercado, churrascaria, igreja, escola. É um centro, não de Porto Alegre, mas o centro da Lomba do Pinheiro.”

Para a mãe e a filha moradas da zona norte a mobilidade está associada tambem  diversão. Apesar de residirem proximo ao Shopping Iguatemi, é o Praia de Belas o destino da família de HS e MS. “ que ali tem mais coisas”, justifica MS.

Proximos dali, mais dois lugares revelam-se como compo do quadrante do lazer em Porto Alegre, a zona oeste, às margens do rio Guaíba, onde estão os parques Marinha do Brasil e Maurício Sirotsky, a Usina do Gasmetro, o estdio Beira-Rio, algumas escolas de samba, além do Shopping Praia de Belas. Estes lugares são o resultado da ampliao dos espaços urbanos a partir da aterragem do rio<sup>17</sup>, como lembra LS, o morador da zona sul.

## Consideraoes finais

Em Machado (1984) encontramos aspectos importantes de serem sublinhados nas descrioes brevemente apresentadas. O autor reflete sobre a funo das fotografias no contexto familiar e oferece elementos para comentar as narrativas desencadeadas pelas imagens. Um dos pontos a destacar é que aquilo que os álbuns registram não são propriamente os indivíduos enquanto tais, mas os papeis sociais que desempenham. Além disso, há uma funo intrínseca ao objeto armazenado (a fotografia), atribuída pelo grupo familiar, qual seja, a de solenizar e eternizar momentos da vida familiar e de reforçar a integrao do grupo, reafirmando o sentimento que ele tem de si mesmo e de sua unidade.

Nessa análise, refizemos o movimento dos entrevistados, qual seja, passar de um aspecto a outro, extrapolando as fotografias e configurando

---

<sup>17</sup> O entrevistado refere-se ao rio ou lago Guaíba.

uma cidade imaginada. Assim, nos sentimos como Silva (2008), tendo que saltar de um tema a outro:

O álbum tem seus caprichos na hora de mostrar ou esquecer, mas há algo inevitável: ele possui uma ordem, em que uma foto se enquadra à outra, e, portanto, *sua visão produz a figura do 'salto'* – palavra que me parece definir bem esse fenômeno –, tendo em vista que devemos ‘saltar’ de uma foto para outra, para recompor um propósito global. (SILVA, 2008, p.32, grifos do autor).

Como o desafio proposto buscava contemplar indivíduos pertencentes a famílias negras, incluindo diferentes gerações para tentar perceber as diferenças nos modos de narrar os álbuns, as fotografias e a cidade, o resultado é que conseguimos perceber uma mudança e um fluxo da cidade ao longo das últimas décadas, em detalhes e percepções que incluem: o desenvolvimento desordenado de Porto Alegre devido à especulação imobiliária, mas também a nostalgia de um contato maior com a natureza. Inclui variados mapas de consumo, modificados ao longo do tempo – da ida ao centro para compras substituída pelo comércio do bairro; da necessidade de ir para o oeste em busca de lazer; de reforçar alguns espaços como marginais; de revelar quadrantes (espaços possíveis) da cidade a partir dos trajetos de ônibus urbanos.

A constatação de que a “cidade mudou” é recorrente entre os entrevistados. Mas essa mudança não é qualificada apenas como negativa. Ainda que o desejo de um maior convívio familiar e comunitário esteja presente, quando afirmam que havia um tempo em que era possível circular livremente e ficar até mais tarde fora de casa, a cidade é acessada em sua “modernidade” e na impossibilidade de conhecê-la na totalidade. As representações do passado, evocadas pelo contato com os álbuns, mostrou-se um exercício de memória que constrói a idealização do mesmo. Encontramos aí mais um ponto em comum com Silva (2008, p.39), para quem “quando a família abre o álbum para contá-lo, reinstala ali mesmo seu imaginário de eternidade, evocando o tempo passado em um presente contínuo”.

A questão racial apareceu relacionada aos times de futebol, ao “nós”, “de nosso bairro” e “nossa família”, e aos “outros”, de outras famílias e localidades. Mas ela também esteve presente em todas as narrativas que evidenciavam o crescimento e a ascensão da família, por meio do trabalho, e/ou do estabelecimento em um lugar da cidade através da compra de uma casa e na figura dos filhos. A narrativa de sucesso familiar, de ter conseguido ascender socialmente, ter adquirido uma propriedade (imóvel) e poder consumir, desenha possibilidades de trajeto pela cidade modernizada. Um lugar na cidade, conferindo uma identidade; ou lugares na cidade, aos quais se tem acesso, permitindo visibilidade, são as construções imaginárias que podemos perceber como reveladoras de um cidadão que se quer valorizado.

## Referências

ACHUTTI, Luiz. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho.** Porto Alegre: Palmarinca, 1997.

ANJOS, José. **Se raças não existem, é inegável que insistem.** 2006. Disponível em: <<http://afrobrasileira.multiply.com/journal/item/33>>. Acesso em: 26 jul. 2008.

BARCELLOS, Daisy. **Família e ascensão social de negros em Porto Alegre.** 1996. Tese (Doutorado Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BARTHES, Roland. **A câmara clara.** Lisboa: Edições 70, 1980.

BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1982.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

GIDDENS, Anthony. Raça, etnicidade e migração. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p.244-281.

GUIMARÃES, Antonio. Como trabalhar com raça em sociologia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p.93-107, 2003.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.1, n.2, p.125-142, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

IZQUIERDO, Maria J. Uso y abuso del concepto de género. In: VILANOVA, Mercedes (Org.). **Pensar las diferencias**. Barcelona: Universidad de Barcelona; ICD, 2004. p.31-53.

JOVCHELOVICH, Sandra. **Representações sociais e esfera pública**: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no sul do Brasil**: invisibilidade e territorialidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

LEITE, Miriam. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica. São Paulo: EDUSP, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**: introdução à fotografia. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MAGALHÃES, Nara. **Eu vi um Brasil na TV**: televisão e cultura em perspectivas antropológicas. Santa Maria: Editora da UFSM, 2008.

MEAD, Margaret. **Principles of visual anthropology**. Mouton: La Haye, 1975.

POPPER, Karl. **Conjecturas e refutaciones**. Barcelona: Paidós, 1972.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, 1995.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**: hacia el desarrollo de un urbanismo desde los ciudadanos. Bogotá: Conv. Andrés Bello/UNC, 2004.

SILVA, Armando. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. São Paulo: SENAC, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2004. p.7-72.